



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E JURÍDICAS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO
JORGE FREDERICO BEHMER ARCHANJO COSME

**O ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA NO BRASIL E AS TECNOLOGIAS:
UM OLHAR SOBRE O CENÁRIO E A EVOLUÇÃO**

Rio de Janeiro

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E JURÍDICAS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO
JORGE FREDERICO BEHMER ARCHANJO COSME

**O ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA NO BRASIL E AS TECNOLOGIAS:
UM OLHAR SOBRE O CENÁRIO E A EVOLUÇÃO**

Monografia de final de curso, elaborada no âmbito da graduação em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Administração

ORIENTADOR: Professor Henrique Westenberger

Rio de Janeiro

2018

JORGE FREDERICO BEHMER ARCHANJO COSME

O ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA NO BRASIL E AS TECNOLOGIAS: UM OLHAR SOBRE O CENÁRIO E A EVOLUÇÃO

Monografia de final de curso, elaborada no âmbito da graduação em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Aprovada em ____ de _____ de 2018

EXAMINADORES

Professor Henrique Westenberger (Orientador)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professor Leitor

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

À minha família

À minha namorada

A todos que acreditaram em mim

RESUMO

O crescimento da Educação a Distância no Brasil é notável. Nos últimos anos, um boom ocorreu na oferta e procura dos cursos em EaD, principalmente no Ensino Superior. Esse aumento coincidiu com a evolução maciça das tecnologias de informação e comunicação, consideradas chave no novo século. Esse artigo busca elucidar como está se dando essa evolução, pontuando o cenário da EaD Superior no Brasil, demonstrando as tecnologias disponíveis para acesso as mesmas e buscando concluir os prós e contras do alinhamento entre educação a distância e as tecnologias.

ABSTRACT

The growth of long-distance learning in Brazil is noteworthy. In the last few years, the search and offer of these courses kept growing, mainly in the higher education. This raise happened together with the information and communication technologies evolution, considered one of the key factors of the new century. This article tries to elucidate this evolution, explaining the long-distance learning scenario in Brazil, demonstrating the available technologies used in this type of education and exposing the pros and cons of the relation between the technologies and the higher level education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO	9
2.1 - História do Ensino a Distância e sua Legislação	9
2.1.1 - História geral do Ensino a Distância no mundo	9
2.1.2 - História do Ensino à Distância no Brasil	11
2.1.3 - Legislação brasileira sobre as EaD	13
2.2 – A Educação a Distância no Ensino Superior	16
2.2.1 – Ensino e Aprendizagem	16
2.2.2 – O Ensino Superior no Brasil.....	18
2.2.3 – O Ensino Superior a Distância em Números e sua Análise.....	21
2.3 – A Tecnologia no Ensino a Distância Superior	29
2.3.1 – Uma breve história do e-learning e das plataformas alternativas.....	29
2.3.2 – Sistema de Gestão de Aprendizagem (Learning Management System)	33
2.3.3 – Coursera: um caso de sucesso	36
2.3.4 – Ambiente Virtual de Aprendizagem – UFRJ.....	38
3- Conclusão	39

ÍNDICE DOS GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 01 – A evolução das tecnologias de Educação à Distância	12
Tabela 02 – Alguns destaques da EaD no Brasil no século XX	13
Gráfico 01 - Grau de concordância com a afirmação “A EAD exige inovação em abordagens pedagógicas”, em percentual, em escala Likert de 1-5	14
Tabela 03 - Mudanças com o Decreto Nº 9.057	16
Tabela 04 – Questões comuns a todos os Modelos de Curso	19
Tabela 05 – Top 5 Instituições de Ensino Superior no Brasil	20
Tabela 06 – Top 5 Instituições de Ensino Superior no Brasil a Distância	21
Tabela 07 - Comparação entre os censos ABED e INEP com relação ao percentual de instituições por região, em percentual	22
Tabela 08 - Comparação entre os censos ABED e INEP com relação ao percentual de instituições privadas e públicas, em percentual	23
Tabela 09 – Cursos mais procurados, em percentual	24
Gráfico 02 - Distribuição da faixa etária dos alunos de cursos regulamentados totalmente a distância, semipresenciais e presenciais, em percentual	26
Gráfico 03 – Tempo de atuação das instituições no mercado educacional em EAD, em percentual	27
Gráfico 04 – Modalidades de curso oferecidos pelas instituições, em percentual	28
Gráfico 05 – Nível de satisfação com a plataforma LMS contratada (em %)	36
Gráfico 06 – Número de meses em que cada plataforma digital atingiu 1 milhão de usuários	37
Gráfico 07 – Tipos de AVA, em percentual	39

1 - Introdução

Nos últimos anos, é notável o aumento do emprego de tecnologias no ensino. Elas “aportam na sociedade do século XXI, como sendo potencializadoras da capacidade humana de construir, transformar, modificar o mundo” (SALES, 2005). A evolução em alta velocidade da ciência tornou possível a realização de transformações nas instituições de formação superior, sendo uma das mais notáveis a presença cada vez maior do Ensino a Distância (EaD). Essa ampliação vem gerando diversas novas oportunidades, não apenas de negócios, mas também de formação humana. Sua utilização “tem sido concretamente uma prática educativa, isto é, de interação pedagógica, cujos objetivos, conteúdos e resultados obtidos se identificam com aqueles que constituem, nos diversos tempos e espaços, a educação como projeto e processo humanos, histórica e politicamente definidos na cultura das diferentes sociedades.” (SARAIVA, 1996). É importante ressaltar que sua expansão vem fortemente atrelada “ao surgimento da sociedade baseada em informação e da explosão do conhecimento” (HERMIDA e BONFIM, 2006), pois permite o fácil acesso a qualquer tipo de dado em qualquer momento, além de facilitar a conexão instantânea entre pessoas que se encontram em diferentes localizações.

O crescimento do mercado de educação a distância (EaD) é explosivo no Brasil e no Mundo. Dados estão disponíveis por toda parte: cresce exponencialmente o número de instituições que oferecem algum tipo de curso a distância, o número de cursos e disciplinas ofertados, de alunos matriculados, de professores que desenvolvem conteúdos e passam a ministrar aulas a distância, de empresas fornecedoras de serviços e insumos para o mercado, de artigos e publicações sobre EaD, crescem as tecnologias disponíveis, e assim por diante. (MAIA E MATTAR, 2007)

Apesar de sua grande propagação e fácil acesso atualmente, o sistema EaD de ensino surgiu “a pelo menos mais de cem anos” (MOORE e KEARSLEY, 1996), com utilização de outras formas de tecnologia no processo de ensino, como o uso de correspondência. Segundo LYOTARD, em seu livro *A Condição Pós-Moderna*, “a expansão das tecnologias da informação e comunicação revitalizam, em parte, o modo de produção capitalista, uma vez que o fluxo de informações é mais rápido e o modelo globalizado é o parâmetro mundial das sociedades contemporâneas”. Não obstante, a partir do novo século, a necessidade por conhecimento imediato se tornou uma das prioridades, principalmente por ser considerado “como um dos mais importantes fatores a ser ter em conta, para a prosperidade econômica das nações” (RURATO E GOUVEIA, 2004). Como dito por DRUCKER (1999), “O “capital” da sociedade do conhecimento não será mais a matéria-prima ou bens produzidos e acumulados, mas sim o conhecimento”. Por essa razão, em relação as EaD, “sua combinação ao avanço

tecnológico e da comunicação vem para equacionar a diferença entre a baixa oferta de vagas na rede de ensino superior e a demanda por inclusão social a uma parcela maior da população, promovendo, assim, a democratização do acesso ao conhecimento” (FILATRO, 2007)

Este artigo busca estudar e elucidar sobre a influencia das novas tecnologias na expansão do Ensino a Distância de Ensino Superior no Brasil. Em um momento inicial, será apresentado um pouco da história das EaD no Brasil e no mundo, além de conceitos sobre esta modalidade. Após, será descrito um pouco sobre a legislação vigente e suas diretrizes acerca do ensino não presencial. Em seguida, será descrito brevemente a nova relação de ensino adquirida com base nos avanços tecnológicos, sendo seguido por um levantamento sobre a evolução das EaD no país, com foco nos anos 2010 em diante, observando suas alterações e pontuando motivos para seu crescimento acelerado. Também falaremos um pouco sobre as plataformas digitais existentes, seus usos e casos de sucesso no ensino superior. Por fim, o artigo é encerrado com a Conclusão do estudo e suas considerações finais, buscando levantar os prós e contras da EaD, no que tangencia a ampliação das oportunidades de estudo e sua comparação com métodos presenciais tradicionais de ensino.

Para tal, uma pesquisa descritiva foi realizada, utilizando uma abordagem qualitativa, baseada em análises documentais e estudos bibliográficos.

2. Desenvolvimento

2.1 – História do Ensino a Distância e sua Legislação

2.1.1 – História geral do Ensino a Distância no mundo

Uma das definições mais utilizadas para EaD é a de “uma modalidade de educação na qual professores e alunos encontram-se em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem ou ensinam” (MOORE e KEARSLEY, 2008).

Alguns autores defendem que o começo dessa caminhada se deu por meio da criação da imprensa, que possibilitou a difusão do conhecimento de maneira mais ampla, tornando possível uma pessoa, por si só, ter acesso as informações.

Todavia, os primeiros relatos de cursos efetivamente ministrados a distância datam do século XVIII, quando, em Boston, se teve aulas de Taquigrafia oferecidos por Cauleb Phillips por meio de correspondência para os alunos que desejassem aprender ou aperfeiçoar tal técnica, se encaixando na definição moderna mais utilizada para definir uma EaD.

Conforme SARAIVA (1996), a primeira ação institucionalizada de EaD teve início no século XIX, mais precisamente em 1856, em Berlim. Dois homens, Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt, criaram a primeira escola de línguas ministrada por correspondência. Em 1873, também em Boston, é criada a *Society to Encourage Study at home*, de Anna Eliot Ticknor, que buscava induzir mulheres a dedicarem uma parte de seus dias ao estudo de alguma arte ou ciência.

Ao longo dos anos subsequentes, mais e mais cursos vão surgindo com a premissa de ensinar alunos de maneira não presencial. Destacam-se, nos Estados Unidos da América, os anos de 1891 e 1892, em que a Universidade de Winsconsin e a Universidade de Chicago, respectivamente, dão início a seus cursos de extensão por meio de cartas. Na Europa, se destaca o ano de 1898, quando, na Suécia, é criado o Instituto Hermod, que opera até hoje em suas atividades.

Ao longo do século XX, com o rádio emergindo, “um largo número de universidades começou a desenvolver, rapidamente, programas de EaD para serem transmitidos” (RURATO E GOUVEIA, 2004). Com o avanço a passos largos das tecnologias de informação, novas formas de aprendizado à distância foram surgindo rapidamente, uma em seguida da outra; entre as principais, podemos citar as videoconferências e a teleducação, ocorrida por meio de videocassetes e transmissões televisivas. Atualmente, possuímos os multimeios de comunicação, que aliam diversos mecanismos distintos de aprendizado em uma ferramenta, difundido principalmente por meio da internet e que permitem “a troca de mensagens entre professores e alunos, de forma síncrona” (PERRY, 2006), tornando todo o ensino possível em tempo real e em diferentes localidades, não sendo necessária a presença simultânea de discente e docente no mesmo ambiente. Além disso, redes sociais, e-mails, wikis, entre outras ferramentas da web também são fortemente utilizadas para a propagação do conteúdo didático e acadêmico.

Tamanho evolução e alterações, conforme SARAIVA (1996), fez o *International Council for Correspondence Education*, criado em 1938 no Canadá, passar a se chamar *International Council for Distance Educative*, abraçando atualmente diversas formas de transmissão de conhecimentos não presenciais, tendo mais de 190 países afiliados e sendo parceira da UNESCO na ampliação do acesso à educação e sua acessibilidade universal por todos e todas que o desejem.

Abaixo, em tabela extraída de HERMIDA E BONFIM (2006), é possível sintetizar a evolução das EaD, de seu começo no século XV, passando por sua evolução ao longo dos anos, chegando até o final do século XX:

Tabela 01 – A evolução das tecnologias de Educação à Distância

▪ Primeira tecnologia: o livro impresso (século XV)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Possibilitou a replicação maciça e barata do conhecimento ✓ Possibilitou a alfabetização da população
▪ Segunda tecnologia: o correio (século XVIII)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Possibilitou a distribuição de material impresso a grandes distâncias e a comunicação bidirecional com o professor ✓ Possibilitou o ensino por correspondência ✓ Possibilitou a replicação maciça e barata da integração
▪ Terceira tecnologia: os meios eletrônicos (século XX)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Telégrafo, telefone, rádio, TV e rede de computadores ✓ Tirou a necessidade de distribuição de elementos físicos (átomos) e os substituiu por ondas e elétrons (século XX) ✓ Agilizou, facilitou e imitou melhor a instrução e a interação

Fonte: BASTOS, CARDOSO e SABBATINI, 2000

2.1.2 – História do Ensino à Distância no Brasil

A EaD no Brasil, segundo ALVES (2009), é marcada por avanços e retrocessos, além de momentos de estagnação, marcados principalmente pela ausência de políticas públicas. O país chegou a ser referência na área no final da década de 1970, mas apenas no fim do milênio voltou a recuperar seus investimentos para desenvolver o ensino não presencial.

Conforme HERMIDA e BONFIM (2006), a EaD no Brasil surge em 1904, quando as Escolas Internacionais começam a lançar em nosso país alguns cursos por correspondência, tendo uma ampliação nos anos 1930 com enfoque no ensino profissionalizante, especialmente na educação não formal. Porém, o marco inicial mais conhecido é “a criação, por Roquete-Pinto, entre 1922 e 1925, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e de um plano sistemático de utilização educacional da radiodifusão como forma de ampliar o acesso à educação” (SARAIVA, 1996). NUNES (1993) também destaca nesses primórdios a criação, em 1929, da Rádio Monitor, outro método de ensino via rádio que possuía alcance nos lares brasileiros. Entre os outros destaques dessa era, podemos citar a “Rádio-Escola Municipal Rio de Janeiro (1934); o Instituto Rádio Técnico Monitor, em São Paulo, instituição privada que oferecia cursos profissionalizantes (1939) e a Universidade do Ar, da Rádio Nacional voltada para o professor leigo/ Instituto Universal Brasileiro (1941)” (HERMIDA E BONFIM, 2006).

A partir da década de 1960, a televisão começa a ganhar espaço. Em 1967, foi determinado pelo Código Brasileiro de Telecomunicações a obrigatoriedade de programas educativos em emissoras de rádio e televisões educativas. Após isso, em 1972, surgiu por meio do Ministério da Educação o Programa Nacional de Teleducação – Prontel, responsável por coordenar e apoiar a teleducação no país (FARIA E SALVADORI, 2010).

Em 1978, com o cada vez mais fácil acesso à televisão pelos brasileiros, a Fundação Roberto Marinho, em parceria com a Fundação Padre Anchieta, criou o que viria a ser um dos mais conhecidos e assistidos cursos a distância do país: o Telecurso. Inicialmente lecionando apenas matérias do segundo grau, foi ampliado também para alunos do primeiro em 1981. Seu objetivo era que suas teleaulas, aliadas com a utilização de fascículos vendidos em bancas, auxiliassem na obtenção do diploma de concluinte do nível de ensino incompleto do aluno, em provas aplicadas pelo próprio governo. Com o tempo, as videoaulas começaram a ser transmitidas no que viriam a ser conhecidas como telessalas, objetivando atingir áreas em que a educação básica fosse defasada, sendo utilizada principalmente em municípios distantes e de difícil acesso. Assim, uma pessoa poderia obter o conhecimento necessário para realizar certificações como o ENCCEJA e o ENEM, sendo seus graus obtidos formalmente reconhecidos perante o governo nacional.

Na tabela abaixo, extraída de VILLAÇA (2010), são destacados em resumos os marcos anteriormente apresentados da EaD no século XX:

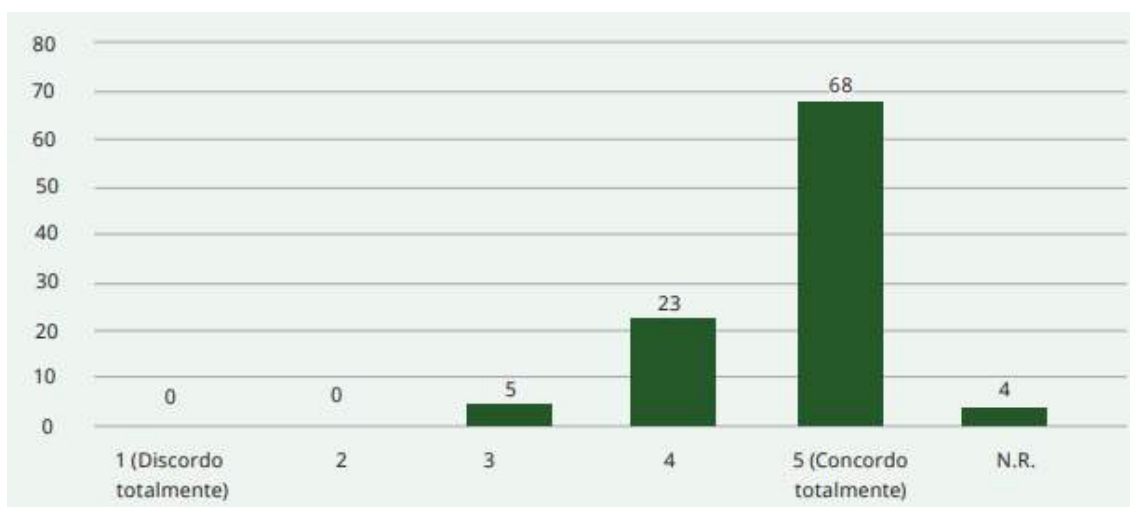
Tabela 02 – Alguns destaques da EaD no Brasil no século XX

Década de 20	Criação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquette Pinto (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1939	Instituto Monitor (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1941	Instituto Universal Brasileiro (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1947	Universidade do Ar – fundada por SENAC e SESC e emissoras associadas (MAIA e MATTAR, 2007);
1970	Projeto Minerva (MAIA e MATTAR, 2007);
1977	Telecurso – da Fundação Roberto Marinho (MAIA e MATTAR, 2007)

Fonte: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS: CONCEITOS, TERMOS E UM POUCO DE HISTÓRIA (VILLAÇA, 2010)

Atualmente, o Ensino à Distância vem passando por transformações constantes, devido ao rápido avanço tecnológico e o advento das mídias digitais, que criam ambientes multitarefas, onde diferentes ferramentas podem ser integradas em uma única plataforma. As inovações tendem a continuar, com os métodos pedagógicos estando em constante mutação, seguindo de perto as novidades que possam vir a surgir. Abaixo, segue gráfico extraído do Censo da ABED 2016-2017, com a opinião das instituições participantes acerca do assunto:

Gráfico 01 - Grau de concordância com a afirmação “A EAD exige inovação em abordagens pedagógicas”, em percentual, em escala Likert de 1-5



Fonte: Censo ABED EAD 2016/2017

2.1.3 – Legislação brasileira sobre as EaD

No Brasil, a primeira legislação geral sobre a educação foi criada em 1961, sendo conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Porém, conforme FARIA E SALVADORI (2010), no tocante ao ensino a distância, “as bases legais para a modalidade foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996) que foi regulamentada pelo Decreto n.º 5.622, publicado no D.O.U. de 20/12/05”. A partir deste momento, todos os níveis de ensino não presencial foram reconhecidos, fossem educação básica, ensino técnico ou graduação.

A legislação de um estado democrático de direito é originária de processo legislativo que constrói, a partir de uma sucessão de atos, fatos e decisões políticas, econômicas e sociais, um conjunto de leis com valor jurídico, nos planos nacional e internacional, para assegurar estabilidade governamental e segurança jurídica às relações sociais entre cidadãos, instituições e empresas.

(NORMATIVAS DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA)

Segundo Capítulo 1, artigo primeiro do Decreto Nº 9.057, de 25 de Maio de 2017, “Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.”, sendo necessária solicitação de credenciamento junto ao governo das instituições privadas, conforme Capítulo 3, para realização de tal modalidade de ensino, sendo elas subordinadas a todas as regras e regulamentações. Esse amparo legal, sancionado pelo Executivo, se destacou pelo caráter inovador, principalmente devido a necessidade de se acompanhar a constante e rápida mutação das tecnologias que compõe o ensino a distância, podendo ser alterado constantemente por meio de decretos que encaixem de maneira cada vez melhor as evoluções dos meios de comunicação com as possibilidades e legalidades de sua aplicação nas instituições de aprendizagem. Mesmo com um certo engessamento ainda vigente, que vem sendo criticado pelos entusiastas das EaD, é necessário ressaltar a necessidade de certos controles, os quais podem sofrer alterações nos momentos oportunos para que não se imobilize o avanço do ensino no país.

Conforme FARIA E SALVADORI (2010), tal legislação solidificou o status das EaD como de qualidade não inferior às presenciais, principalmente por agora parecer de aparatos legais que sustentam padrões de ensino, formas de avaliação e diretrizes a serem seguidas. Isso se destaca principalmente no fato de que, conforme Artigo 3, os cursos a distância devem seguir a mesma duração de seus equivalentes presenciais, além de se tornar possível a transferência entre cursos das duas modalidades sem qualquer tipo de diferenciação de estudos, sendo necessário por partes das instituições considerarem de forma igual as matérias cursadas nos dois métodos educacionais. Assim como dizem HERMIDA E BONFIM (2006), a EaD “surge como uma possibilidade no tocante à acessibilidade da Educação Superior e Pós-Graduação”, fortalecendo assim o “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” garantido pela Constituição Federal de 1988.

Porém, é importante ressaltar que, junto com a regulamentação e os direitos, surgem também os deveres. Segundo LESSA (2018), “A legislação abre caminhos para interpretações, o que pode ser visto como positivo: entretanto, para que ela seja satisfatória e integrada ao contexto educacional é essencial o conhecimento dos direitos, deveres e das consequências das violações cometidas por aqueles que, de alguma forma, devem segui-la e optar por não fazê-lo.” Como

exposto no mesmo artigo, apesar do caráter defensor da EaD criado pelo decreto, é fundamental que se faça notar o dever das instituições que oferecem esse modelo de ensino de seguirem diretrizes rígidas, principalmente na questão de seu oferecimento no mercado e valor do aprendizado oferecido. Existem diversos cursos, tanto presenciais quanto a distância, que oferecem uma qualidade abaixo da média aceitável pelo Ministério da Educação; aliado a isso, o preconceito com o ensino remoto acaba por coloca em evidência as opções mais fracas nessa modalidade, utilizando como justificativa justamente a não presença em um mesmo ambiente de aluno e professor. Portanto, é fundamental um controle por parte dos provedores da EaD para que as normas sejam seguidas à risca, sem perda de qualidade e sem diplomas emitidos de forma “expressa” ou fora do que é permitido e autorizado pelas autoridades competentes, com risco de cassação da autorização de oferecer ensino em todo território nacional.

Tabela 03: Mudanças com o Decreto N° 9.057

	Antes do Decreto n. 9.057	Depois do Decreto n. 9.057
Relação entre modalidade presencial e a distância	A instituição só pode ser credenciada para a modalidade a distância se oferecer cursos na modalidade presencial.	A instituição pode ser credenciada somente para a modalidade a distância.
Instituições públicas de ensino superior	Instituições públicas precisavam solicitar acreditação de EAD, assim como as instituições privadas.	Instituições públicas estão automaticamente autorizadas a ofertar cursos na modalidade a distância.
Processo de acreditação	O processo envolve visita à sede e aos polos solicitados. Todo o processo leva em média de 3 a 4 anos.	O processo será centralizado na visita à sede da instituição, sem visitas a polos. Cada instituição terá direito a abrir um número de polos por ano em função do seu <i>ranking</i> no CI e no IGC. A ser divulgado em portaria complementar.

	Antes do Decreto n. 9.057	Depois do Decreto n. 9.057
Critério dos indicadores de qualidade CI e IGC	O desempenho de qualidade das instituições de ensino superior medido pelo MEC em avaliações oficiais tinha pouca relevância para a autorização e número de polos de apoio presencial.	O número de polos que cada instituição poderá abrir será impulsionado por um bônus regulatório, com base no Conceito Institucional (CI). O Índice Geral de Cursos (IGC) também pode ser usado.
Polos de apoio presencial	Exigências rígidas para a estrutura física dos polos e seu papel didático-pedagógico.	As exigências serão suavizadas. Por exemplo, será permitido o uso da biblioteca digital em substituição da física. A instituição poderá definir o papel do polo em função de seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI).

Fonte: Censo ABED EAD 2016/2017

2.2 – A Educação a Distância no Ensino Superior

2.2.1 – Ensino e Aprendizagem

De acordo com JAPIASSU (1992), “Ensinar a aprender, a se construir ou a se reconstruir: eis o papel do educador. Todo o progresso na educação está na construção do espírito e não em sua domesticação”. O professor na educação a distância, principalmente no nível superior, passa pelo desafio de não possuir uma turma física em sua frente. Cada aluno, em sua casa, está acompanhando a aula passada de maneira independente. Como diz MORAN (2008), “As tecnologias não substituem o professor, mas permitem que algumas das tarefas e funções dos professores possam ser modificadas”. Com todas as ferramentas presentes em dadas plataformas e a rápida evolução das mesmas, torna-se essencial a constante atualização e acompanhamento próximo pelos profissionais da educação de todas as suas funcionalidades para elaboração de seus cursos, isso sobre o conhecimento já possuído sobre a disciplina que

leciona. Como pontuado por MAIA E MATTAR (2008), “o professor deixa de ser uma entidade individual para se tornar uma entidade coletiva”.

Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Os alunos de hoje não mudaram apenas em termos de avanço em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Aconteceu uma grande descontinuidade. Alguém pode até chamá-la de apenas uma “singularidade” – um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta (PRENSKY, 2001).

Porém, é também necessário, por parte do aluno, a autonomia de realizar seus estudos. Para isso, “deve ser incentivado a fortalecer o aprendizado colaborativo, a dinamizar a comunicação e a troca de informação entre demais participantes do curso e, ainda, como forma de consolidar a aprendizagem, deve ser estimulado a participar de atividades individuais ou em grupo” (MAIA, 2003). Isso é, não pode haver um isolamento de cada membro de uma classe de certa cadeira na EaD, ou seja, um trabalho completamente independente e desprezado dos colegas que também acompanham o mesmo curso. Por meio dos estímulos providos, é necessária uma constante troca de ideias por parte do corpo discente, sendo realizada por meio de tarefas que exijam o uso da coletividade na solução de problemas, principalmente usando plataformas que fornecem esse tipo de desafio.

Tendo em vista essas reestruturações propostas na relação professor / aluno, é possível observar que, mais do que nunca, estamos numa fase de ruptura, um processo sem volta onde precisamos considerar nos cenários a presença constante e fixa das tecnologias digitais de informação e comunicação no que tange o ensino. Como dito por MAIA (2003), “os esforços devem ser concentrados nas pessoas chave, que são os professores. Estes devem ser capacitados para a promoção das mudanças, tornando-se agentes”, ou seja, estimuladores do ensino nas novas maneiras propostas. Por isso, se faz importante o planejamento de novas maneiras de abordagem nos diferentes aspectos de contato e tratamento dos dados e informações que inundam as pessoas hoje, principalmente sabendo peneirar o que de relevante realmente surge e o que aparece apenas como opções vazias ou que não contribuem de maneira sólida na formação ou ampliação do conhecimento. Ademais, uma proximidade na troca de experiências entre docentes, discentes e Universidade é crucial para uma indexação das ideias que surgem, buscando uma organização das mesmas para elaborar uma estrutura de suporte e parâmetros das EaD dentro de cada faculdade, criando assim padrões que possam ser replicados por todos. As instituições de ensino necessitam, de uma forma crítica, incorporar as novas estruturas didáticas e as linguagens que vem surgindo para aplicar as novas tecnologias em suas grades.

O jovem na atualidade não pode mais estar numa sala de aula com um professor de Física que faça uso do pincel e quadro apenas, mas do profissional que faça uso de metodologias ativas e das tecnologias digitais, como outros recursos didáticos, para a devida motivação de sua aula, não somente de forma extrínseca, mas principalmente aquela que vem de dentro, a motivação intrínseca, afinal, existem muitos atrativos sedutores para o nativo digital extra-ambiente de aprendizagem. (SALES, 2017)

Abaixo, extraído de MAIA (2003), segue tabela com os conceitos da University of Maryland University College para formulação de um curso EaD e o suporte existente a alunos e professores, no objetivo de introduzir novos métodos de ensino com planejamento:

Tabela 04 – Questões comuns a todos os Modelos de Curso

Suporte Logístico	a) distribuição de materiais; b) estrutura de avaliação de aprendizagem que assegure a identificação e segurança dos testes; c) ressarcimento aos professores e equipe de suporte de custos com comunicação ou deslocamento para atendimento aos alunos.
Suporte aos Alunos	a) orientação acadêmica; b) atendimento individualizado; c) acesso a bibliotecas, laboratórios e equipamentos de informática.
Suporte aos Professores	a) treinamento da tecnologia e metodologia do curso; b) reconhecimento financeiro e/ou acadêmico do trabalho em EAD; c) assessoria de especialistas na produção de materiais e acesso às ferramentas apropriadas; d) seleção e contratação de bons professores.
Avaliação de processo	a) avaliação adequada dos professores; b) a estrutura de suporte técnico e administrativa deve ser avaliada pelos alunos e professores. A avaliação deve fazer distinção entre o desempenho dos professores e os demais sistemas de suporte; c) avaliação do treinamento e suporte dos professores.
Laboratório	a) desenvolvimento de kits para uso individual; b) demonstração de experimentos por videoconferência; c) gravação e edição dos experimentos, usando gráficos e colocando questões; d) utilizar simulações por computador disponíveis no mercado ou especialmente elaboradas; e) encontros presenciais intensivos em locais com equipamento adequado.

Fonte: University of Maryland University College (traduzido)

2.2.2 – O Ensino Superior no Brasil

De acordo com os últimos dados do INEP, em censo com números de 2016, o Brasil dispõe de um total de 2.407 instituições de educação de Ensino Superior, com destaque para o Sudeste, concentrado quase 50% deste total (1.126). Essas instituições oferecem atualmente 34.366 cursos e possuem mais de 8 milhões de alunos inscritos, somando cursos presenciais e a distância. Já em número de concluintes e ingressantes, mais de um milhão de brasileiros concluíram seus cursos ao longo do ano, ao passo que quase 3 milhões iniciaram seus estudos

nas instituições estudadas. Um dado curioso é o fato de que a maior parte dos novos alunos se encontram na faixa etária entre 25 a 29 anos, diferente da crença popular de que seria entre os 18 aos 22. Também vale ressaltar o número de docentes, que atinge quase 400 mil entre os cursos registrados.

O destaque no ensino superior continua sendo das Universidades Públicas. Em último ranking da Folha, 195 Universidades foram avaliadas de acordo com indicadores de pesquisa, ensino, mercado, internacionalização e inovação, sendo o top 5 das mesmas ranqueado conforme tabela abaixo:

Tabela 05 – Top 5 Instituições de Ensino Superior no Brasil

1º	UFRJ	RJ
2º	UNICAMP	SP
3º	USP	SP
4º	UFMG	MG
5º	UFRGS	RS

Fonte: Ranking Universitário Folha. 2017

Porém, ao isolarmos apenas os cursos a distância, a situação possui uma mudança de figura. Como podemos observar na Tabela 06, o top 5 nessa modalidade é composto exclusivamente por escolas, cursos e instituições particulares, todas com conceitos elevadíssimos nas diretrizes estabelecidas pelo MEC em sua pesquisa sobre as melhores universidades a distância do país. Alguns pontos podem ser destacados para isso, como aprofundaremos mais a frente, como por exemplo uma maior possibilidade de capital a ser investido nas tecnologias de informação mais caras, uma maior procura pelos cursos sendo realizadas por pessoas de idade mais avançada e um tempo maior de atuação nesse mercado, com investimentos começando de forma anterior ao das Universidades públicas.

Destaca-se também a confirmação dos dados do INEP, mostrando uma força grande das EaD na região Sudeste do país. Com uma maior procura, os cursos acabam por desenvolverem uma maior oferta para suprir tal demanda e, para se diferenciar, investem de maneira forte com objetivo de se destacar, optando por uma maior qualidade de ensino e plataformas mais modernas.

Abaixo, segue ranking atualizado do MEC acerca das melhores instituições de ensino a distância do país:

Tabela 06 – Top 5 Instituições de Ensino Superior no Brasil a Distância

Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) - Privada

CI: 5

IGC: 4

Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAP) -

Privada

CI: 5

IGC: 5

Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-EAESP) -

Privada

CI: 5

IGC: 4

Escola de Direito do Rio de Janeiro (DIREITO RIO) - Privada

CI: 5

IGC: 4

Faculdade de Odontologia São Leopoldo Mandic (SLMANDIC) - Privada

CI: 5

IGC: 5

Fonte: Terra Online / As 20 melhores faculdades EAD segundo o MEC

Como dito por MORAN (2009), “A modalidade presencial (de ensino) é a comumente utilizada nos cursos regulares, onde professores e alunos encontram-se sempre em um mesmo local físico, chamado sala de aula, e esses encontros se dão ao mesmo tempo: é o denominado ensino convencional. Na modalidade a distância, professores e alunos estão separados fisicamente no espaço e/ou no tempo. Esta modalidade de educação é efetivada através do intenso uso de

tecnologias de informação e comunicação, podendo ou não apresentar momentos presenciais”. Com base nessa diferenciação, levando apenas em consideração cursos de graduação, a separação entre ambos ainda é grande. Dados do INEP mostram que, em 2016, 12.809 cursos foram oferecidos presencialmente, contra 1.662 a distância. Apesar dessa grande diferença no número, é interessante reparar que a mesma cai drasticamente quando levado em relação número de inscritos: enquanto os cursos presenciais tiveram três milhões de ingressantes, as modalidades a distância obtiveram um milhão e meio. Alguns pontos nos ajudam a explicar esse fato, como a maior facilidade de acesso por parte do aluno, a impossibilidade de chegar nos pontos físicos de ensino devido ao alto custo/trabalho, e o constante avanço das tecnologias, que permitem cada vez mais o acesso as plataformas digitais. A seguir, iremos nos aprofundar mais nesse tema, trabalhando com dados estatísticos e comparativos em relação a anos anteriores.

2.2.3 – O Ensino Superior a Distância em Números e sua Análise

Para melhor visualização de seu crescimento, se torna importante traduzir em números como as EaD se comportam no Brasil atualmente. Primeiramente, veremos duas tabelas que comparam números da ABED e do INEP quanto a distribuição regional das instituições e se as mesmas são públicas ou privadas:

Tabela 07 - Comparação entre os censos ABED e INEP com relação ao percentual de instituições por região, em percentual

	2011		2012		2013		2014		2015		2016	
	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP
Norte	5	7	6	8	5	7	5	6	6	6	7	-
Nordeste	14	22	14	21	17	20	15	21	18	21	18	-
Centro-Oeste	14	8	12	8	16	7	14	7	13	7	11	-
Sudeste	45	39	46	40	40	41	41	42	42	42	37	-
Sul	22	24	22	22	22	24	25	24	21	24	27	-

Fonte: Censo ABED 2016/2017

Comparando ambas as instituições, vemos tendências similares, com as mesmas proporções na distribuição dos cursos. Desde 2011, o Sudeste é soberano, contando em praticamente todas as pesquisas mais de 40% da representatividade. Esse fato não traz grandes surpresas, tendo em vista que, na última pesquisa realizada pelo MEC, 44,6% dos estudantes do ensino superior se

encontravam nesta região. Esse fato pode ser explicado por diversos fatores, entre eles a maior densidade populacional e seu status de maior polo comercial do país, concentrando os maiores centros financeiros nacionais em seu território. O Nordeste e o Sul seguem próximos entre eles com em torno de 20%, com uma ligeira vantagem do segundo. É importante ressaltar que, apesar de possuir um maior desenvolvimento econômico, a região Sul possui uma população menor que a Nordeste. Isso pode explicar a proximidade entre ambas no número de instituições, aliado a outros fatores; o Nordeste, por possuir grande extensão territorial, tem grande potencial de expansão no ensino a distância, principalmente atrelado a necessidade de atingir cidades de pequeno porte e mais isoladas. O Sul, por outro lado, também apresenta uma propensão a receber mais cursos não presenciais, porém os motivos seriam outros. Devido a seu maior poderio econômico e a forte relação entre o ensino a distância e as tecnologias de informação, suas instituições de ensino possuem melhores condições de se equipar e adaptar-se aos ambientes informatizados e cada vez mais exigentes que vem se tornando essenciais na interface de alunos e professores. Além disso, a necessidade de especializações por parte de quem deseja trabalhar em cargos de maior conhecimento agregado também serve como combustível para mover a ampliação e democratização das EaD na região.

Tabela 08 - Comparação entre os censos ABED e INEP com relação ao percentual de instituições privadas e públicas, em percentual

	2011		2012		2013		2014		2015		2016	
	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP	ABED	INEP
N.R.	9	-	17	-	20	-	0	-	0	-	0	-
Privadas	62	49	58	48	53	48	62	54	66	56	68	-
Públicas	29	51	25	52	28	52	38	46	34	44	32	-

Fonte: Censo ABED 2016/2017

É possível perceber, com base nos números apresentados, a predominância das EaD no setor privado. Mesmo as pesquisas da INEP, que possuem um viés governamental, apresentam em seus dois últimos resultados um maior número das instituições particulares na representação da modalidade não presencial de ensino, enquanto na pesquisa da ABED as mesmas já somam quase 70%. Como discutiremos, alguns motivos que levam a essa polarização cada vez maior é o normalmente mais curto tempo que os inscritos nas EaD possuem para exercer suas

atividades, optando por cursos particulares mais voltados a suas necessidades, além dos altos custos de implantação de plataformas digitais e tecnologias de informação necessárias para a realização da aula de forma remota.

Em números absolutos de inscrição, porém, a diferença entre estudantes atendidos em locais de ensino públicos e privados se difere de maneira acentuada. Segundo dados da pesquisa do INEP de 2015, 91% dos alunos estão matriculados em instituições privadas, contra apenas 9% em instituições públicas. Além disso, vale salientar que as dez maiores instituições em número absoluto de matrículas representam juntas uma fatia de 72,5% do total, sendo mais polarizadas, como esperado, na região Sudeste do país. Para ilustrar de melhor maneira em que cursos esses alunos estão inscritos, segue abaixo tabela com os dados mais recentes disponíveis acerca do top dez de mais procurados. É interessante reparar que esses dez cursos respondem por praticamente 75% do total, mostrando uma polarização forte no ensino com um viés mais humano.

Ressaltando que “a modalidade a distância vem crescendo para suprir a necessidade de apresentar soluções inovadoras aos alunos, que estão cada vez mais exigentes” (KLEIS, 2017), o que confirma essa busca por algo mais dinâmico e que caiba no tempo disponível do estudante para realizar as atividades e lições propostas pelos educadores.

Tabela 09 – Cursos mais procurados, em percentual

<i>Ranking de cursos</i>	<i>Percentual (%)</i>	<i>Ranking de cursos</i>	<i>Percentual (%)</i>
Pedagogia	25	Educação Física	3,5
Administração	13,7	Processos Gerenciais	3,5
Serviço Social	7,4	Logística	2,8
Ciências Contábeis	7,2	Letras	2,5
Gestão de Recursos Humanos	6,9	Gestão Pública	2,4

Fonte: Censo ABED 2016/2017

Como pontuado por VIANNEY (2017), o perfil dos alunos que estudam a distância no Brasil é de “trabalhadores que estudam”, e não “estudantes que trabalham”. Isso quer dizer que a maior parte das pessoas que procura o ensino a distância, principalmente em sua modalidade mais dominante que é a de instituições particulares, foram aquelas que não tiveram a oportunidade de emendar sua formação superior diretamente após ter concluído o ensino médio. Observando o **Gráfico 02**, podemos confirmar tal informação com os dados colhidos no censo da ABED. A grande maioria dos alunos a distância, representados por 66% do total, se encontram na faixa

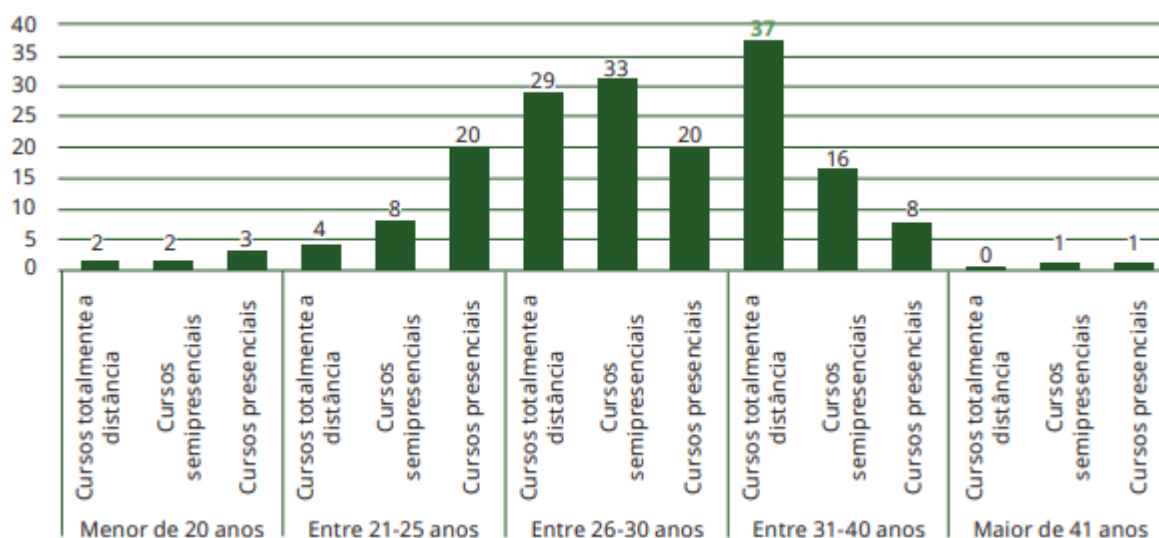
entre 26 e 40 anos de idade, sendo que desse número, 37% possuem mais de 31. Realizando um paralelo com o ensino totalmente presencial, percebemos que os estudantes tendem a começar em idades menores, estando concentrados de maneira mais proeminente na faixa dos 21 aos 25 anos e concluem, em sua maioria maciça, antes de completarem os 30. Como dado de comparação, a pesquisa do INEP de 2015 determinou a idade média do estudante presencial como sendo de 26 anos, enquanto a do estudante que opta pelo ensino a distância foi estabelecida em 33.

Alguns motivos podem ser pontuados para esse fenômeno. Como dito por PAIVA (2007), “o ensino à distância é uma das grandes tendências educacionais por várias vantagens como a flexibilidade de local e horário destinados para aprendizagem e atuação do aluno sobre o seu próprio ritmo de estudos”. Como citado anteriormente, a não possibilidade de sair diretamente da escola para a Universidade é um dos principais fatores. Isso pode ser causado pela necessidade do trabalho, pela longa distância do centro universitário mais próximo e, principalmente, pela falta de políticas públicas que possibilitem o acesso desses jovens ao estudo sem a obrigação de complementar a renda da casa, obrigando-os a optarem pelo trabalho remunerado de maneira precoce.

Outro ponto é a busca tardia pela qualificação de olho em uma ascensão profissional dentro da companhia da qual já fazem parte, ambicionando cargos que só podem ser preenchidos por quem possui o diploma de terceiro grau completo. Segundo censo do IBGE de 2014, a associação entre escolaridade e produtividade do trabalhador é positiva. Portanto, a crescente capacitação adquirida com um maior aprendizado em novos níveis de ensino torna a pessoa mais capaz de exercer funções que, anteriormente, não seriam cogitadas em seu âmbito de conhecimento.

Pontua também a flexibilidade possibilitada pelas EaD, principalmente no que tange a vida corrida de quem já está inserido no mercado. Ter uma alternativa de ensino que possa ser acessado em diferentes horários do dia, contanto que a carga horária total do período seja efetivada, traz um caminho completamente novo de estudos e possibilidades para quem antes não possuía maneira de se adequar a um calendário mais restrito e tradicional. Como dito por GUIMARÃES (2017), “a EAD brasileira proporcionou um conjunto de inovações por ter possibilitado maior flexibilidade de tempo (quando estudar), espaço (onde estudar) e ritmo (o que estudar e a qual tempo).”

Gráfico 02 - Distribuição da faixa etária dos alunos de cursos regulamentados totalmente a distância, semipresenciais e presenciais, em percentual



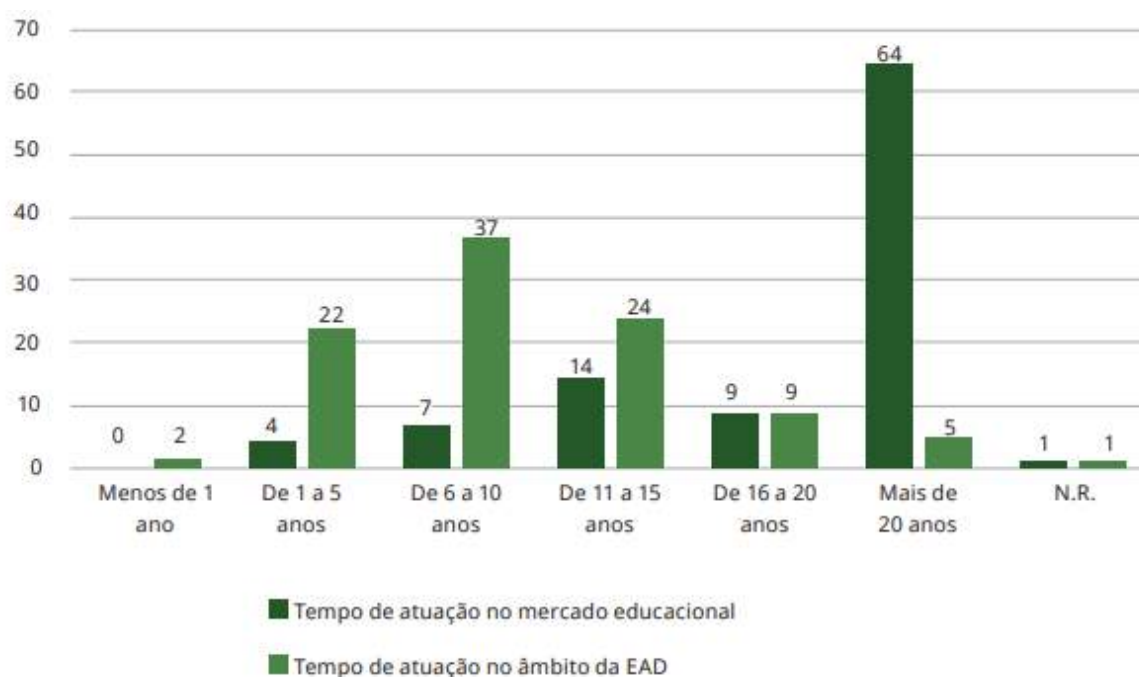
Fonte: Censo ABED 2016/2017

Um ponto importante também notado através da avaliação dos dados é a perceptível tradição do maior número de instituições que oferecem cursos a distância. Como é possível perceber no **Gráfico 03**, 64% das mesmas está no mercado da educação a mais de 20 anos, mostrando solidez e conhecimento do ramo. Como esperado, a prévia estrutura já possuída foi fator determinante na inclusão das novas formas de ensino. Iniciar uma base tecnológica para ter a capacidade de oferecer de maneira satisfatória cursos a distância não é uma tarefa de baixo custo, o que pode inicialmente assustar as postulantes a adentrar em tal nicho. Além disso, é nítida a preferência da maior parte dos alunos por instituições que já possuam um nome sólido, que transmitam maior confiança aparente aos que desejam se matricular.

Na análise gráfica também é possível auferir algumas outras informações. O *boom* tecnológico ocorrido nos últimos anos, principalmente nos últimos 10 anos, democratizou o acesso as tecnologias de informação de maneira ampla. Segundo dados do IBGE coletados no ano de 2014, “entre 2013 e 2014, o percentual dos domicílios que acessaram a internet por computador recuou de 88,4% para 76,6%, enquanto os que acessavam por celular saltou de 53,6% para 80,4%. Em relação ao acesso por tablete, no mesmo período, o acesso cresceu 50,4%” (MAGALHÃES, 2016). Esses números nos mostram a facilidade atual da maior parte da população brasileira de possuir conexão com a internet na maior parte do seu tempo, seja em computadores pessoais ou em aparelhos móveis. Não surpreendente, os últimos 10 anos representaram a maior faixa de crescimento do ensino a distância no país, com 59% do curso

de todas as instituições levantadas no censo sendo criadas nesse período. Seguindo essa tendência citada, se torna esperado o contínuo aumento dos números apresentados; de acordo com última avaliação do censo da ABED, das instituições pesquisadas, 31% pretendem aumentar seus investimentos em cursos regulamentados totalmente a distância em 2017, mostrando que ainda se tem muito espaço para investir no crescimento da modalidade, buscando assim vencer dois grandes desafios existentes na visão dos entusiastas da EaD no Brasil: manter sua grande participação no mercado de ensino e aumentar a captação de alunos dentro da própria modalidade. Para tal, “as instituições privadas continuam aumentando e diminuindo o número de vagas em conformidade com a demanda, criando e extinguindo, com base no teste de mercado, cursos em diversas modalidades de ensino e níveis de formação” (SAMPAIO, 2011), ou seja, continuam moldando suas decisões em análises de dados e mercadológicas para oferecer o que o aluno procura naquele momento, guiando as aberturas de cursos e matérias por meio da constante análise situacional e de intenção dos ingressantes nas instituições.

Gráfico 03 – Tempo de atuação das instituições no mercado educacional em EAD, em percentual



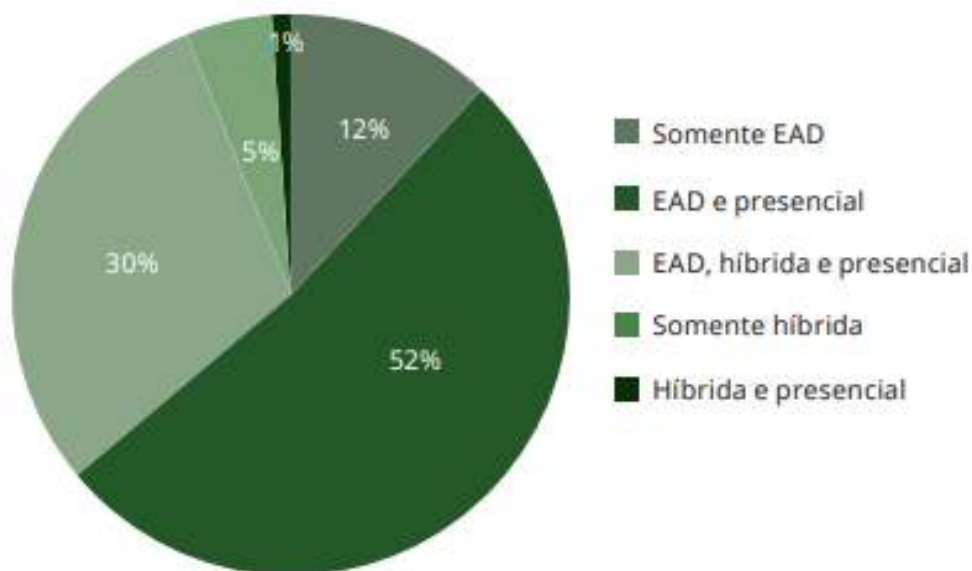
Fonte: Censo ABED 2016/2017

Como notado anteriormente, instituições com mais solidez no ramo do ensino são maioria no mercado das EaD ainda hoje. Sendo assim, é esperável o fato de que tais instituições não

ofereçam exclusivamente esse método. Como podemos ver no **Gráfico 04**, apenas 12% das escolas participantes do censo trabalham exclusivamente com cursos a distância. A grande maioria, representada por 82% dos cursos, oferecem modalidades de ensino presenciais em suas estruturas, o que nos leva a concluir que já possuíam um histórico no ramo prévio a evolução das tecnologias que permitiu a maior facilidade na propagação maciça do ensino não presencial e em sua divulgação de forma rápida, apoiado no conhecimento já existente das instituições oferecedoras do mercado de ensino no qual atuam, principalmente por parte das universidades particulares.

Parafraseando SALES (2017), tal entrada nesse mercado ocorre “pois os métodos tradicionais de ensino não são mais suficientes de atender as necessidades do aluno contemporâneo, sendo, portanto, necessário desenvolver novas formas de aprendizado que possibilite a construção de conhecimento pelos próprios alunos, os quais podem ser viabilizados pela criação de redes de interação através ambientes virtuais de aprendizagem, redes sociais, e etc”, mostrando que é necessário manter-se antenado no que de novo vem surgindo e nas demandas do estudante, principalmente em um mundo em que as tecnologias de informação são consideradas um dos pilares da sociedade.

Gráfico 04 – Modalidades de curso oferecidos pelas instituições, em percentual



Fonte: Censo ABED 2016/2017

2.3 – A Tecnologia no Ensino a Distância Superior

2.3.1 – Uma breve história do e-learning e das plataformas alternativas

O e-learning, termo cunhado para o aprendizado em plataformas digitais, tem seu crescimento maciço mais atrelado ao século XXI. Quando falamos nas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação, costumamos nos prender nos sistemas mais completos, no qual se há um acesso a todas as informações necessárias de uma classe de forma simultânea. Porém, é fundamental não desprezarmos todas as ferramentas existentes na web que, ao longo do tempo, foram sendo utilizadas como base em pesquisas acadêmicas, estudos e estruturação e compartilhamento de informações. Esses “espaços imersos nas TDIC e com acesso à internet, onde o usuário possa, a qualquer hora interagir e acessar informação foi denominado de ambiente onipresente” (PRENSKY, 2011). Neles, existe uma “utilização de equipamentos, materiais e processos tecnológicos avançados, baseados na automação, na informática, que colocam em disponibilidade um vasto arsenal de meios de comunicação de massa a serviço do ensino.” (UFRN, 2018)

Enquanto o e-learning tradicional e tecnologias associadas são importantes, os praticantes também têm se aberto rapidamente a “uma resposta”, especialmente para resolver problemas recorrentes, considerando as futuras mudanças e consequências que podem ocorrer. Nós devemos pensar o e-learning e as tecnologias de ensino como capacitadoras, não como uma estratégia. Isto é uma pista de alta velocidade, não o destino; os meios importam mais do que os fins. (ROSENBERG, 2008)

Nos primórdios do uso da internet como local de estudo e pesquisar de informações, eram comumente utilizados apenas os sites de pesquisa, como *Cadê?*, *Yahoo* e, claro, o *Google!*. Essas páginas vieram com uma proposta: utilizar-se de uma interface simples, de fácil compreensão, para que um usuário pudesse pesquisar sobre qualquer tema de seu interesse em todo o ambiente online, com resultados aparecendo de maneira expressa na tela de seu computador. Com essa premissa, jovens que cresceram imersos no mundo digital perceberam que, com poucos cliques, conseguiam obter um mundo de informações sobre temas propostos por professores em seu ambiente escolar com extrema facilidade, tornando trabalhos e artigos que antes exigiam extensa pesquisa em diferentes enciclopédias e livros acessíveis em um simples clique do mouse. Assim, surgiam os primeiros passos para o uso cotidiano do mundo virtual na vida de qualquer estudante.

Com a informação correndo de maneira extremamente rápida, novas plataformas foram surgindo, uma após a outra. Primeiro, o surgimento dos “weblogs, ou simplesmente blogs, (que) são sistemas de publicação na web, baseados nos princípios de microconteúdo e atualização frequente” (RECUERO, 2002). Neste ambiente, começaram a surgir os blogs de ensino, dedicados a publicar com certa periodicidade texto sobre temas acadêmicos, normalmente ministrados por professores ou graduandos de universidades do país. Neles, “o leitor de um texto, por exemplo, é convidado a verificar a sua fonte (através de um link), observa a discussão em torno do assunto (através dos comentários), é convidado a ler outros textos que tratam do mesmo assunto em outros blogs (através do *trackback*)” (PRIMO, 2003). Isso mostra uma grande revolução de como se encontrar conteúdo, devido principalmente ao fato de permitir que o leitor se aprofunde mais no tema exposto, seguindo por meio da abertura de páginas recomendadas ou de comentários relevantes uma espécie de “trilha”, que o guia cada vez mais para dentro de um tópico.

Não muito depois, as famosas *Wikis* começaram a surgir, com destaque principalmente para a massiva Wikipedia. Essas páginas funcionam como uma enciclopédia de um ou mais temas de forma aberta, “que consiste em uma rede de páginas web com diversas informações que podem ser modificadas e ampliadas por qualquer pessoa por meio de navegadores comuns, como o Internet Explorer, por exemplo” (RIBEIRO, 2008). A principal delas, a Wikipedia, funciona como uma mega enciclopédia livre online; nela, qualquer assunto pode ser abordado, passando por temas acadêmicos como história, biologia, física, entre outros, até assuntos de entretenimento, como cinema, jogos, artes, e demais tópicos de interesse de todos, com o objetivo de “produzir uma enciclopédia que reúna o conhecimento humano em profundidade e abrangência” (PRIMO, 2003). As Wikis, por possuírem caráter livre, sempre foram centros de polêmicas. Primeiramente, seu uso em artigos acadêmicos sempre foi bastante questionado e colocado em xeque, devido a, muitas vezes, não existir uma fonte para as informações lá postadas e por poderem ser alteradas ou sabotadas a qualquer momento. Porém, como citado por RIBEIRO (2008), existe uma discordância forte por parte de intelectuais acerca do tema. Bordignon, por exemplo, diz:

A comunidade de usuários conseguiu criar um espaço em que se pode extrair e ingressar conhecimento, o qual provavelmente será expandido ou corrigido por outros pares de forma livre. O produto criado é um exemplo de uma tal dimensão onde se observa como tem êxito um modelo de produção colaborativa de bens de caráter intelectual (...). As pessoas que contribuem com a Wikipédia estão motivadas por seus interesses por compartilhar seus conhecimentos com todos os habitantes do planeta (BORDIGNON, 2006)

Sendo assim, as Wikis vêm ganhando espaço como fonte de informação, mesmo ainda sendo vetadas por diversas Universidades como fonte de confiança acadêmica. Com a inclusão de editores licenciados, colaboradores full-time e a necessidade recentes de comprovar toda e qualquer citação, a Wikipédia busca atender a necessidade da verificabilidade e confiabilidade de todo e qualquer dado nela postado, se aperfeiçoando de maneira gradual.

Por fim, páginas que não surgiram com o intuito de interligar a universidade com o aluno ou de ser uma difusora de informações acadêmicas acabaram se tornando ferramentas muito utilizadas por professores e estudantes como mecanismo de troca de conhecimento, aprendizado e como canal de comunicação. Dentre elas, há o destaque para o Facebook e o YouTube.

A rede social de Mark Zuckerberg, criada em 2004, foi criada originalmente como uma rede social casual para os participantes da Ivy League americana. Atualmente, no entanto, a página já é uma das mais acessadas mundialmente na rede de computadores, tendo em si milhões de usuários cadastrado que trocam milhares de informações e dados entre si todos os dias. Segundo pesquisa divulgada pelo Olhar Digital em 2012, mais de 80% dos professores americanos já se encontram no Facebook, o que traz a possibilidade do discente se conectar com o docente de maneira simples.

A vantagem da utilização das mídias sociais é a facilidade com que os educandos podem lidar com elas crescendo ao seu cotidiano fora dos espaços educativos formais condições de absorver informações de forma dinâmica e diversificada, informações estas que podem oferecer condições dos alunos modificarem suas percepções sobre suas vidas; seu contexto social e suas ações para modificarem sua própria realidade frente as problemáticas que enfrentam, sensibilizem suas comunidades exercendo melhorias reais em sua existência.
(FUMIAN E RODRIGUES, 2013)

Sendo assim, as redes sociais se mostram muito úteis na ligação entre aluno e professor, oferecendo um diálogo simples, fácil e rápido entre ambos, tanto no âmbito pessoal, quanto por meio de grupos formados entre colegas de uma mesma classe, onde a troca de informações e arquivos se torna intuitiva e sem ruídos, apoiando-se em ferramentas que já possuem milhões de inscritos para sua vantagem e um conhecimento prévio de todos os usuários acerca de suas funcionalidades.

O YouTube, por sua vez, “apresenta inúmeros recursos que, à primeira vista, podem não demonstrar nenhum apelo pedagógico, mas que podem ser utilizados com muito sucesso em educação” (MATTAR, 2009). Fundado em 2005, foi adquirido pela gigante Google em 2006, e tem como principal foco permitir o upload, visualização, compartilhamento e avaliação de vídeos, podendo atualmente serem de canais privados ou corporativos, com acesso e inscrição

gratuitas para qualquer usuário. O que no começo era apenas uma plataforma para vídeo amadores, hoje em dia é um negócio que movimenta bilhões e é utilizado para diversos fins, entre eles o acadêmico.

MATTAR (2009) aponta diversas vantagens do YouTube para melhor aprendizado, entre elas o “controle sobre o ritmo da apresentação, podendo parar, retroceder e avançar o vídeo” e a possibilidade de “construir ambientes pessoais de aprendizagem com favoritos, listas de reprodução, inscrições, amigos etc”. Essas questões nos mostram a diferença entre o acesso a um vídeo no ambiente virtual em relação a um DVD ou VHS, por exemplo. Quando se está na web, é possível armazenar todo conteúdo que se deseja no momento em que se está assistindo, podendo salvar em playlists o que de melhor se viu para visualização em outro momento. Além disso, a conectividade permitida com outros usuários, além da possibilidade de diálogo direto com o criador do conteúdo, torna a experiência muito mais próxima do aluno, principalmente no que tange materiais mais complexos, como alguns vídeos que oferecem dicas para matérias de nível superior. Essa participação tanto de criador do conteúdo, quanto de quem o assiste, traz como benefícios uma qualidade cada vez maior de ensino, materiais mais direcionados a real necessidade de quem o procura e a criação de um ambiente mais informal e acolhedor, facilitando a imersão no que se está sendo passado.

Porém, barreiras existem. Além de problemas com direitos autorais, MATTAR (2009) destaca também “preocupação com a qualidade e o valor acadêmico, principalmente face ao conteúdo gerado pelos próprios usuários; vídeos que não se encontram disponíveis quando necessário; limitações de banda larga e barreiras com filtros; acesso a conteúdo inadequado; tecnologias em constante mudança; etc.”. É importante saber filtrar os vídeos e canais que realmente apresentam conteúdo de qualidade, pois como citado anteriormente, muitos canais são ministrados individualmente, podendo pertencer a usuários sem as qualificações necessárias para ensinar certos tópicos. Certificar-se de que se possui uma boa conexão para navegação de maneira plena é fundamental da mesma maneira, para que se possa usufruir das aulas sem travamentos ou queda na qualidade de imagem.

2.3.2 – Sistema de Gestão de Aprendizagem (Learning Management System)

Como visto anteriormente, existem diversas possibilidades online que podem auxiliar tanto professor como aluno na tarefa do ensino não presencial. Porém, para um curso 100% a distância, se faz extremamente necessária uma ferramenta que agregue o que de melhor existe em cada uma das demais separadas, além de acrescentar funções consideradas imprescindíveis.

Parafrazeando LOPES (2011), “hoje a educação a distância vem focando na mudança de paradigmas e no surgimento de nova cultura sobre essa modalidade de ensino, que se representa como tendência a uma nova forma de aprendizagem”.

Dessa ideia, começam a surgir os Sistemas de Gestão de Aprendizagem, ou como são mais conhecidos pela sigla em inglês, LMS.

O ensino superior tem sido incentivado a apostar na utilização de tais tecnologias (LMS) tendo como argumento o fato de as mesmas contribuírem para melhorar a produção, gestão, disseminação e controle do conhecimento e por facilitarem a comunicação entre docentes e discentes, em momentos presenciais e não presenciais, síncronos e assíncronos. (PEDRO, CABRAL, 2013)

Os LMS são ambientes virtuais focados para o uso acadêmico, principalmente no ensino superior, onde diversas funções são elencadas em apenas um programa para que, de modo fácil e intuitivo, alunos e professores tenham acesso a uma mesma rede de compartilhamento de informações. Como dito por MACDONALD (2006), “estes ambientes têm como objetivo primordial apoiar o processo de aprendizado, quer seja à distância, denominado de e-learning, quer seja semipresencial, denominado Blending Learning ou B-Learning”. Em um estudo conduzido pelo grupo de Ciências Cognitivas e Tecnologia Educacional do Centro de Informática da UFPE (2009), um LMS possui algumas características básicas, elencadas a seguir:

- . Recursos interativos;
- . Controle das atividades e monitoração de todas as interações e acessos dos alunos;
- . Compatibilidade com as especificações existentes de conteúdo, característica fundamental na transferência de conteúdos entre plataformas;
- . Gestão de conteúdo, que permite aos instrutores criarem cursos, organizando as informações de maneira que os usuários encontram facilmente o que precisam;
- . Sistema Colaborativo de Aprendizagem, o que permite pessoas com interesses comuns trabalharem em grupo, integrando-se e compartilhando conhecimentos;

Além disso, como destaca GOMES (2005), “a prestação de serviços on-line de caráter administrativo deve estar devidamente suportada pela vertente de infraestruturas e apoio técnico e devidamente articulada, do ponto de vista do hardware e software com o sistema de gestão da aprendizagem”, ou seja, um LMS necessita ser completo em todos os âmbitos para o aluno e para a parte administrativa, principalmente no ensino totalmente a distância, de forma que todos

os processos, sejam eles de ensino ou burocráticos, possam ser realizados através da ferramenta de gestão de ensino oferecida pela instituição.

Portanto, o LMS surge e se desenvolve com o objetivo de criar um único ambiente para toda relação a distância entre professor/instituição com o aluno, trazendo dinamismo e gestão inteligente do processo de ensino como um intermediário dessa relação. Dentro desse ambiente virtual de aprendizagem, recursos síncronos, como aulas ao vivo e chats, e assíncronos, como exercícios, planilhas e classes gravadas, atuam juntos na formação do ambiente acadêmico, dando o suporte necessário para que duas entidades a distância viabilizem a troca de informações necessária para o ato do aprender. Tais ambientes podem ser voltados tanto a pequenos como grandes grupos, sendo, portanto, geridos de acordo com as necessidades da classe e do professor ao longo da relação. Os sistemas de gestão se destacam, como apontado por LONG (2004), na “operabilidade, acessibilidade, reusabilidade, durabilidade, adaptabilidade e capacidade de manutenção”

Com o avanço rápido da demanda por tais ferramentas, é natural o surgimento de diversas plataformas, abertas ou não, que buscam fornecer às universidades, escolas e demais interessados o necessário para o estabelecimento de uma rede segura, estável e capaz de armazenar e gerir todo o conteúdo que será disponibilizado em cada matéria que participará do ensino a distância proposto. Dentre eles, alguns já se destacam no Brasil, como o Amadeus, lmsMoodle, Chamilo, TelEduc, Moodle e LML. Nos Estados Unidos, também se ressaltam o Blackboard e o Canvas. Esse mercado está em constante expansão, com diversas empresas de tecnologia, como IBM, SAP e Pearson prevendo expansões nessa área de atuação, de acordo com análise da MarketResearch de 2017, mostrando a escalabilidade dessa plataforma e a intensa demanda pela mesma no cenário atual de ensino, como destacado por PEDRO e CABRAL (2013) quando apontam que “muitas universidades têm iniciado movimentos de adaptação da sua oferta formativa para regime de e-Learning e b-learning, tirando para tal partido de LMS”.

Porém, adaptações ainda são necessárias. Como apontado no **Gráfico 05**, ainda existem algumas reclamações das instituições acerca de seus provedores de LMS. De acordo com o Brandon Hall Institute, em pesquisa realizada em 2016, os níveis de satisfação das Universidades contratantes dos serviços de sistema de gestão de aprendizagem ainda não estão no nível alto desejado. Em artigo extraído da *Clarity Solutions*, foi destacado a participação de 283 instituições de ensino no censo, as quais apontaram como principal ponto forte (70% de satisfação) a confiabilidade dos sistemas contratados, seguido pelo atendimento prestado as

organizações. Como os dois pontos mais fracos, foram colocados a falta de facilidade na integração com outros sistemas já existentes e utilizados previamente e o atendimento de necessidades futuras, ou seja, demandas solicitadas que ainda não foram atendidas pelo provedor.

Gráfico 05 – Nível de satisfação com a plataforma LMS contratada (em %)



Fonte: Brandon Hall Institute

Quando buscado os fatores que justifiquem o grau de satisfação em nível apenas regular, a pesquisadora apontou 5 fatores determinantes que necessitam de melhorias na visão das instituições contratantes:

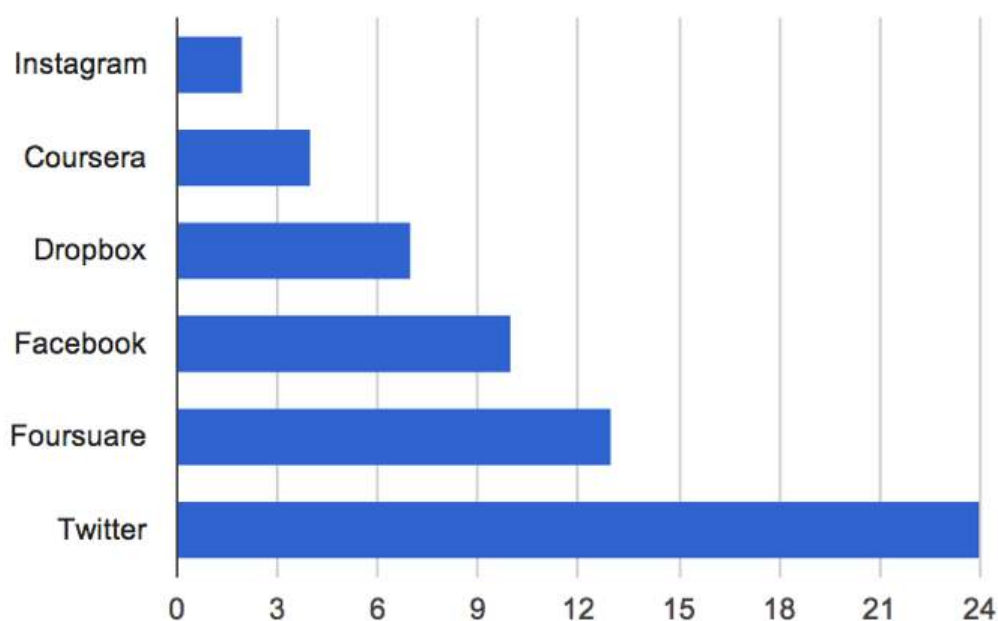
- . Design Ultrapassado
- . Dificuldade de Uso
- . Desejo de usar uma plataforma na Nuvem
- . Falta de ferramentas para colaboração / aprendizagem social
- . Suporte técnico ineficaz

Fonte: Clarity Solutions

2.3.3 – Coursera: um caso de sucesso

A plataforma de LMS Coursera, fundada em 2012, mostra o quanto potencial a ferramenta de ensino totalmente a distância possui no mundo atual. Criada por dois professores de Stanford, começou com o objetivo de oferecer cursos de curta duração, por meio de parcerias com grandes universidades americanas. Com o sucesso no primeiro ano, como destacado no **Gráfico 06**, se expandiu para oferecer especializações a profissionais com o reconhecimento de algumas das maiores instituições de ensino da América. Atualmente, além das duas modalidades supracitadas, o Coursera oferece também cursos completos de graduação, pós-graduação e mestrado, atuando em todos os níveis da educação superior.

Gráfico 06 – Número de meses em que cada plataforma digital atingiu 1 milhão de usuários



Fonte: EdTech Magazine

Como um curso aberto massivo online (em inglês, MOOC), o Coursera objetiva “fornecer acesso aberto, baseado em um modelo de educação a distância, promovendo uma participação interativa em larga escala” (MA, LEE, KUO, 2013). A escalabilidade é considerada chave, sendo necessário que as classes oferecidas possam ser atendidas por uma quantidade indefinida de alunos. Além disso, em estudo realizado pelo próprio Coursera, a inovação se traz como peça fundamental: a evasão no curso de Ciência da Computação, por exemplo, chegou aos 90%,

sendo apontado como principal fator para tal a falta de interatividade e uso de ferramentas digitais de maneira mais forte, substituindo a clássica aula que ocorre dentro de uma sala. Vale também se destacar o acesso aberto como um dos pilares, ou seja, a não necessidade de matrícula prévia em alguma instituição clássica de ensino, sendo o curso oferecido completamente reconhecido sem precisar ser atrelado a algum outro presencial.

No Brasil, a plataforma vem se destacando de maneira proeminente. Segundo levantamento realizado por OLIVEIRA (2013), os brasileiros já representavam o terceiro maior consumidor do Coursera, atrás apenas de Estados Unidos e Índia. Isso mostra a força e procura pela EaD no país, inclusive em programas baseados fora da nação. Porém, as universidades nacionais não estiveram sem perceber a importância dos ambientes virtuais em seus currículos; a USP (Universidade de São Paulo) vem, desde 2014, fortalecendo seus laços com a plataforma, gradativamente oferecendo mais e mais cursos online. O fator mais importante a ser destacado é a publicação de todas essas oportunidades em português, ao contrário da maior parte das matérias oferecidas que são ministradas na língua inglesa. Tal avanço é de suma importância na democratização da plataforma no país, tendo em vista que a maioria absoluta dos brasileiros não possui proficiência suficientemente avançada para acompanhar matérias de graduação em outros idiomas que não o nosso.

Atualmente, o Coursera possui 33 milhões de usuários registrados, possui cursos superiores em 12 diferentes línguas e continua a oferecer tanto especializações, como cursos completos de graduação. Apesar disso, BASTOS e BIAGIOTTI (2014) ressaltam que “os MOOCs apresentam potencial, mas precisam ser bem elaborados para serem eficientes”, principalmente na necessidade de “ser mais ativo, usar redes sociais, blogs e ferramentas Wiki para poder lidar com a grande quantidade de alunos”. Com o maior acesso a tecnologia e evolução das TDIC’s, o futuro dessa plataforma se traça como promissor. Muitos investimentos privados vêm sendo realizados, e com a cada vez maior aderência de instituições, principalmente no que tange a chegada de universidades com idiomas variados, o potencial de escalabilidade do negócio se desenha com muito potencial, transformando a atual realidade em uma realização de magnitude maior.

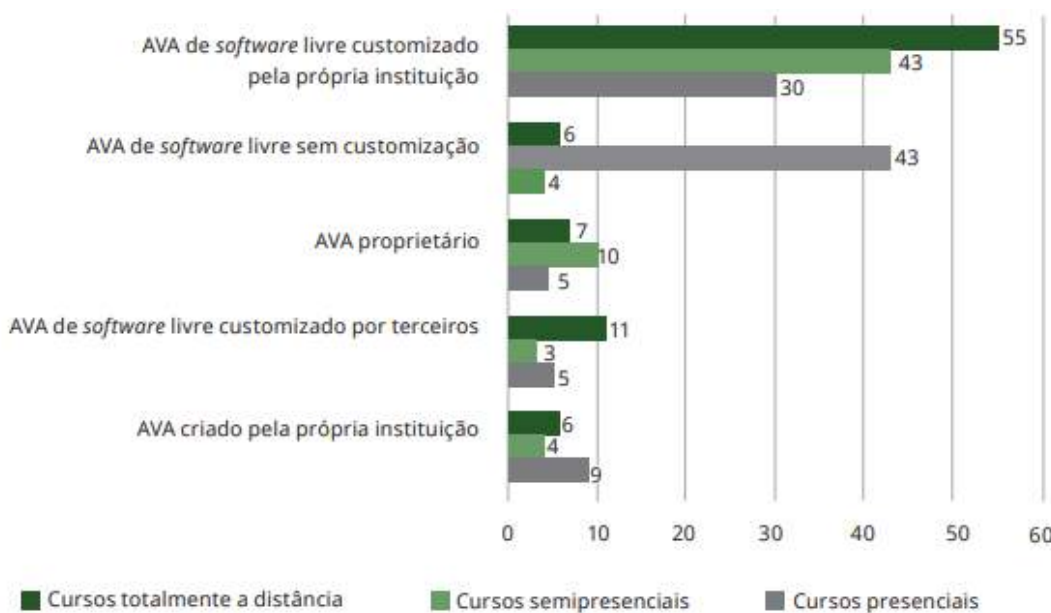
2.3.4 – Ambiente Virtual de Aprendizagem – UFRJ

Dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já existe um sistema de LMS, com intuito de integrar classes presenciais com a educação a distância. Como destacado no próprio site, vem se tornando “de suma importância a instrumentalização do professor com técnicas para

modelar e gerir um curso a distância ou semipresencial”. Dessa necessidade, surge o AVA UFRJ, um ambiente virtual de aprendizagem utilizado como um auxílio as atividades pedagógicas.

A estrutura de plataforma utilizada é a do provedor *Moodle*, um software livre que possui como filosofia a integração de maneira fácil entre o professor e o aluno, com foco em uma construção colaborativa de aprendizado. Por se tratar de um software aberto e gratuito, o usuário pode realizar alterações no programa da maneira que julgar mais benéfica para suas necessidades, moldando o sistema para atender melhor o público para qual será direcionado. Seu “conceito fundamental consiste numa página, onde professores disponibilizam recursos e desenvolvem atividades com e para os alunos.” (LEGOINHA, PAIS, FERNANDES 2006). Como pode ser visto no **Gráfico 07**, tais softwares livres são amplamente mais utilizados pelas instituições de EaD, sendo customizados pelas próprias para atenderem melhor suas necessidades.

Gráfico 07 – Tipos de AVA, em percentual



Fonte: Censo ABED 2016/2017

No AVA UFRJ, mais especificamente, os estudantes possuem acesso a um calendário virtual, que lista todas as datas importantes do semestre letivo em curso. Existe também um sistema de chat direto entre docente e discente, onde o professor pode mandar mensagens direcionadas aos alunos que deseja. Além disso, um fórum está sempre online para conversas públicas entre todos, principalmente entre colegas que compartilham dúvidas, exercícios e qualquer outro assunto que julguem pertinente. Por fim, outra funcionalidade muito utilizada é a de hospedar

arquivos, em Word ou PDF, por exemplo, para que o discente tenha acesso para avaliação e lançamento de nota visível na própria plataforma.

Essa TIC, apesar das grandes possibilidades que oferece aos cursos, ainda não está tão difundida como poderia. Seu uso ainda é baixo, com apenas as funções mais simples sendo evocadas normalmente pela maior parte da equipe discente. Porém, com o grande avanço tecnológico contemporâneo e sua democratização, a perspectiva de uma ampliação de sua presença na universidade é real e esperada, trazendo benefícios no relacionamento entre aluno e professor, principalmente no que tange a comunicação e facilidade na transmissão do conteúdo demandado.

3- Conclusão

O presente estudo fez-se mostrar que o ensino a distância em nosso país, no âmbito de nível superior, apresenta-se como um caminho sem volta para o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem. Em um mundo completamente voltado as novas tecnologias de informação e seus desdobramentos, a área acadêmica não poderia ficar de fora de tais avanços e mudanças.

Apesar de ainda ser cercada de muitas polêmicas, as EaD se mostram como uma alternativa válida as atuais necessidades, principalmente no que tange o ensino superior e os alunos que por ele são englobados, sejam eles jovens de 20 anos, até adultos que começaram seus estudos de forma tardia. Como visto, o executivo brasileiro já reconheceu as possibilidades oferecidas pelo ensino não presencial, criando diretrizes e uma legislação própria para que o mesmo passe a seguir regras de conduta rígidas e equiparáveis ao ensino tradicional. Com isso, se

Com leis próprias e as tecnologias de informação em plena extensão, é visível a partir do estudo e tratamento de dados a ampliação das EaD no nível superior em solo nacional. Como pontuado anteriormente, o ensino a distância no momento possui em sua maioria uma população mais velha, mas também se desenvolve entre os jovens que procuram alternativas de aprendizagem. No estudo, é possível notar que se destacam como pontos fortes a possibilidade de realização do próprio horário, a flexibilidade de local, as ferramentas tecnológicas oferecidas e a possibilidade de se assistir uma classe de qualquer lugar em que se esteja, contanto que exista uma conexão com a internet válida.

Para essa ampliação das EaD, as novas tecnologias de informação da Web 2.0 foram os pilares que estruturam tal crescimento. A partir da análise das plataformas digitais atuais, concluímos que as mesmas têm se tornado cruciais na troca de dados entre discentes e docentes, tanto de

forma síncrona como assíncrona. Temos as ferramentas alternativas, cujo objetivo inicial não era acadêmico, mas que se tornaram aliadas na propagação das informações necessárias (como Facebook e Google, por exemplo), as plataformas que buscam propagar conhecimento de forma livre (como as Wikis) e as plataformas completamente voltadas para o ramo do ensino, as LMS. Nessa última vem ocorrendo o uso como ferramenta principal das instituições de ensino, devido a multifuncionalidade oferecida pela mesma, ou seja, sua capacidade de sintetizar em um único ambiente todos os itens considerados indispensáveis para um curso acadêmico, estreitando a distância entre aluno e professor.

Além disso, adaptações ainda vem sendo realizadas. As LMS ainda não chegaram no seu ápice de desenvolvimento, com algumas insatisfações acerca de seu uso ainda se manifestando. Mesmo com pequenos descontentamentos, a possibilidade da constante manutenção de seus servidores, o feedback imediato dos usuários para os serviços contratados e o conhecimento cada vez maior dos códigos e modelos devem ser responsáveis pela otimização constante de seus serviços e ferramentas.

Porém, tais tecnologias possuem um custo de instalação. Como observado, as instituições particulares, com seus maiores recursos e investidores, principalmente as mais antigas, possuem um domínio do mercado das EaD, representando mais da metade dos cursos disponíveis. Apesar de um avanço no lado público estar ocorrendo, como visto no exemplo do AVA da UFRJ, ainda existe uma resistência na implementação de modalidades 100% a distância no âmbito gratuito, estando mais focado na área das faculdades pagas, que aproveitam a maior fatia dos estudantes e adaptam suas ofertas de curso de acordo com a demanda mercadológica.

Em suma, apesar de ainda possuir seus detratores, as EaD vêm se consolidando como uma das opções mais viáveis de democratização de estudo e da ampliação da oferta do ensino superior. Com suas ferramentas digitais, um decreto de regulamentação próprio, o constante avanço das tecnologias de comunicação e a necessidade cada vez maior de flexibilidade por parte do aluno, o ensino a distância mostra sua força ano após ano no país e demonstra sinais de que continuará com seu crescimento. A adaptação de professores e alunos ocorre gradualmente, além de sua implantação também em instituições públicas. Considerada por muitos autores como um dos futuros da educação, a EaD merece um olhar cada vez mais forte sobre si, sempre ponderando-se seus pontos positivos e negativos, e buscando seu desenvolvimento por meio das cada vez mais amplas tecnologias de informação existentes.

Referências:

ABED, Associação Brasileira de Educação a Distância. Disponível em www.abed.org.br

ALVES, LUCINEIA - **Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo**, 2011

COELHO, DJANIRA HELENA DE ANDRADE – **O papel do professor na EAD**, 2010

DA SILVA, JOÃO BATISTA - **O contributo das tecnologias digitais para o ensino híbrido: o rompimento das fronteiras espaço-temporais historicamente estabelecidas e suas implicações no ensino**, 2017

FARIA, ADRIANO ANTONIO e SALVADORI, ANGELA - **A educação a distância e seu movimento histórico no Brasil**, 2010

FERNANDES, João, LEGOINHA, Paulo, PAIS, João - **O Moodle e as comunidades virtuais de aprendizagem**, 2006

FILATRO, Andréa. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. 2.ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

GOMES, Maria João – **Desafios do E-learning: dos conceitos às práticas**, 2005

GUIMARÃES, Luciano Sathler Rosa - **A inovação na educação a distância: processos administrativos, pedagógicos e tecnológicos**, 2017

HERMIDA, JORGE FERNANDO e BONFIM, CLÁUDIA RAMOS DE SOUZA - **A educação a distância: história, concepções e perspectivas**- 2006

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2016**. Brasília: Inep, 2017

LESSA, SHARA CHRISTINA FERREIRA - **Os reflexos da legislação de educação a distância no Brasil**, 2018

LONG, Phillip D., **Encyclopedia of Distributed Learning**, 2004

LOPES, Rita de Cássia Soares - **A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**, 2008

MAGALHÃES, JORGE - **A destruição criativa da evolução tecnológica nos demite?**, 2016

MAIA, Marta de Campos - **O uso da tecnologia de informação para a educação a distância no ensino superior**, 2003

MATTAR, JOÃO – **YouTube na educação: uso de vídeos na EAD**, 2009

PEDRO, Neuza; CABRAL, Pedro Barbosa - **Plataformas LMS no ensino superior: análise das finalidades de utilização em diferentes áreas científicas**, 2013

PRIMO, ALEX FERNANDO TEIXEIRA - **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia**, 2003

RIBEIRO, ALINE LULI ROMERO e GOTTSCHALG-DUQUE, CLAUDIO – **Wikipédia e Enciclopédia Britânica: informação confiável?**, 2011

RURATO, PAULO E GOUVEIA, LUÍS BORGES - **História do ensino a distância: uma abordagem estruturada**, 2004

SALES, MARY VALDA SOUZA - **Uma reflexão sobre a produção do material didático para EAD**, 2005

SARAIVA, TEREZINHA – **Educação a distância no Brasil: lições da história**, 1996

VIANNEY, JOÃO – **O caráter inclusivo da EAD**, 2017

VILLAÇA, MÁRCIO LUIZ CORRÊA - **Educação a distância e tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história**, 2010